

pspER

Magazine, no. 0

Búzios 2016



A Regata foi pro MAR



Castelo de areia de Ernesto Neto, Praia da Tartaruga 2010

babEL é a mistura das grafias PAPEL e bab (bienio anual búzios) e, grosso modo, é o papel da bab.

A criação do nome, a forma como foi construído, vem do convívio com os esquemas construtivos da poesia e da arte concreta carioca. Inspira-se em alguns de seus preceitos gráficos visuais e é uma homenagem ao artista, poeta e amigo Osmar Dillon. babEL é poesia pós-neo-concreta.

Mas Babel também pode remeter à história do castigo divino, que confundiu o diálogo entre os homens. Como também - como é a proposta desse magazine - remeter ao diálogo mais generoso entre os homens, por meio das artes.

Queremos, como na "estória" da deusa Mnemosine, ser como o canto das sereias e tratar da memória recente da alta cultura em Búzios. Daquilo que aportou por aqui, através dos artistas e da arte contemporânea, nos oito últimos anos.

babEL Magazine coloca-se na contramão do esquecimento quando se propõe

a restaurar e vivificar os arquivos e registros desse período, as experimentações e vivências dos artistas e seus públicos. Informações que, em meio ao network do mundo virtual, tendem ao esquecimento. Pois vivemos sitiados pelas combinações infinitas e rizomáticas da cibernética que, como na "estória" do Rio Lete, são "letais" para memória.

babEL quer ser, quem sabe, o Rio Tártaro que, como no conto de Mnemosine, dá de beber às memórias humanas em vias de esquecimento, aquelas que já se preparam para tomar novos corpos, embalados pelas musas que representam as artes e suas poéticas, e cujo o canto o tempo não apaga.

A cada novo canto, os sentidos se re-acendem. Somos outros, ressuscitamos!

Por meio dessa espécie de mirada afetar, a editoria de babEL propõe se sobrepor ao esquecimento, reativando os repertórios das vivências artística e afetivas em Búzios: a potência de experimentações estéticas dos artistas em meio à natureza, que ainda é tão rica na cidade e precisa ser cuidada.

Mas atenção! Não queremos só o

efêmero na beleza. Queremos também mais gentileza e mais respeito, por favor!

Porque, se na Babel da História o castigo divino puniu os homens com a impossibilidade de se comunicarem uns com os outros, agora, quando esse tempo parece repetir-se pelo ruído múltiplo das comunicações virtuais, babEL chega para manter diálogo.

Porque, relembando o que dizia o velho Chacrinha, "quem não se comunica, se trumbica"

Armando Mattos. Artista visual e curador independente, foi Coordenador de Atividades Didáticas do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro/MAM.RJ, durante sete anos até 1997. Realizou diversos projetos institucionais com a Coleção Gilberto Chateaubriand, o CCBB, FIRJAN, FIESP, Caixa Cultural, MAC Niterói e Bienais internacionais na América Latina. Integrou a mostra "Como vai você Geração 80?", expôs em diversos países da América Latina e México; nas Bienais del Barrio, Venezuela; Mercosul; no Musée de Pully, Suíça; Arteder, Espanha, além de coletivas no Japão e França. Possui trabalhos em instituições públicas e coleções privadas. Reside em Búzios há 12 anos onde realiza, desde 2007 a bab Bienal. Coordena há 25 anos o Projeto Concreto/PRL.

Um império de muitos sentidos

Mônica Villela



Invasão Francesa, gravura do século XVI

Índios tupinambás, corsários franceses, contrabando de pau-brasil, exploradores europeus, cultivo de milho e aipim, apoio terrestre a viagens transoceânicas, tráfico de escravos, quilombos, base naval contra a navegação portuguesa e espanhola, pesca de baleias para extração de óleo, fazendas de banana, igreja do século XVIII... O que têm em comum? Que grande algazarra é essa? São agentes e fatos históricos pouco divulgados que sustentam as raízes e integram a rica identidade cultural da cidade que, há quatro anos, foi eleita por uma revista europeia de turismo como o melhor destino de sol e praia do mundo.



Família de Tupinambás

Búzios não é apenas a Saint-Tropez brasileira, o mais charmoso balneário do litoral fluminense que encantou a diva do cinema francês, na década de 60. Há muitos outros significados e vocações para além do clichê praia/gastronomia/badalação. Essa pequena Armação carrega em si uma essência plural e vai fácil do acarajé ao champanhe, do quilombo ao turismo de luxo.

A aldeia que convida ao dolce far niente, onde a sofisticação anda de pés descalços, abrigou povos diversos e desde sempre falou muitos idiomas. Foi cenário de disputas e divergências, mas convergiu com máximo encanto entre mar e continente: de um lado, recebe as mornas correntes marítimas do Equador e, de outro, as gélidas águas do Polo Sul.

Búzios tem também os quilombolas, que mantêm vivas algumas tradições de matriz africana, como o jongo, a folia de reis e de calango. Tem ainda o fenomenal Mangue de Pedra, um santuário ecológico na Praia da Gorda, berçário da flora e da fauna tropicais. Bioma raríssimo no planeta (a Terra conta com apenas outros dois: um em Recife e outro no Japão), o mangue e seu frágil ecossistema são frequentemente ameaçados por descarte de lixo, remoção de pedras e especulação imobiliária. Como disse Caetano, é “a força da grana que ergue e destrói coisas belas”...

Búzios tem élan e tem a bab, a “bienal” anual de arte contemporânea que já contou com obras de Paulo Roberto Leal, Anna Bella Geiger, Artur Barrio, Ernesto Neto, Ivald Granato, Marcos Bonisson, Laura Lima, Antonio Bokel e Brigida Baltar, entre tantos outros artistas.

E como uma rajada de vento - tão típica da península de 23 praias, que não tem tempo ruim na maior parte do ano - surge a Babel, a primeira “revista-objeto” da região. Idealizada pelo artista e curador carioca, Armando Mattos, a publicação experimental pretende costurar toda essa diversidade já citada, afirmando a gênese cultural local e criando uma narrativa própria. É uma espécie de terceira margem a revelar um universo de linguagens, que promete arejar em direções nunca dantes navegadas.

Babel convida o leitor a contemplar uma mescla de arte, design, arquitetura, moda, literatura, informação e comportamento à beira-mar. O suporte são belas imagens amarradas por textos curtos, assinados por colaboradores que mantêm uma relação afetiva com a vibe buziana. Para ler e experimentar na praia, na praça, no bar, no café, no hotel, na cama, no cais, no barco, na igreja e onde mais você quiser. A Babel é de todos.

Mônica Villela é carioca, assessora de imprensa/jornalista e frequentadora de Búzios há quatro décadas. Responsável pela comunicação de diversas empresas locais, ela divulga o balneário fluminense como destino há 11 anos, para jornais e revistas do Brasil e do mundo.



Gato mourisco em Búzios

O gato mourisco pode atingir até 60 centímetros de corpo e 50 centímetros de cauda. Seu hábito é solitário, com atividade diurna, ao contrário dos outros felinos. É muito ativo, no início e no fim do dia. Lava-se como os gatos domésticos e caça sozinho. Possui um *habitat* extremamente variado, incluindo florestas tropicais e subtropicais, caatinga, pantanal e vegetação seca. Em Búzios, esse animal sofre risco de desaparecer por conta do desmatamento predatório que vem extinguindo seu território natural. Do ponto de vista global, tanto essa espécie de felino como as demais, sofrem com a caça sistemática.

BABEL:

Algumas noções sobre seu significado

Anna Bella Geiger



Paul Gustave Doré, *The Tower of Babel*, 1866.

Nas línguas semíticas, o radical BLL, que dá origem à palavra babel, significa “confundir”. É fato que o homem, na sua desmedida presunção de se considerar mais do que pode, ao querer superar sua condição humana, acabaria por perder seu equilíbrio, o que resultaria em confusão, tanto no plano terrestre quanto no divino. Isso é precedente à História e está sinalizado em descrições bíblicas, tendo acontecido na primeira fase da Humanidade. Fase que se caracteriza pela constituição progressiva dos grandes impérios e da formação das grandes cidades, e D’us, por ter criado inúmeras línguas, acabaria por provocar desentendimento entre os homens. Como é citado no Gênese, uma catástrofe social iria marcar o fim desse período.

Ainda nessa pré-história, a “estória” da Torre de Babel demonstra como o orgulho e a idolatria destruíram a sociedade, atraindo para os homens a ruína e a divisão, que resultou na separação entre todos. A confusão babélica poderia ser definida como resultado da tirania coletiva que serviu para oprimir os homens, levando a humanidade à divisão em facções hostis.

O exemplo da Torre nos mostra que uma sociedade sem alma e sem amor está condenada à dispersão. Na Babel, faltaram a humildade, a orientação ao dever e maior fervor para um sentimento mais comunitário. E qualquer semelhança com o momento que vivemos hoje, não é mera coincidência.

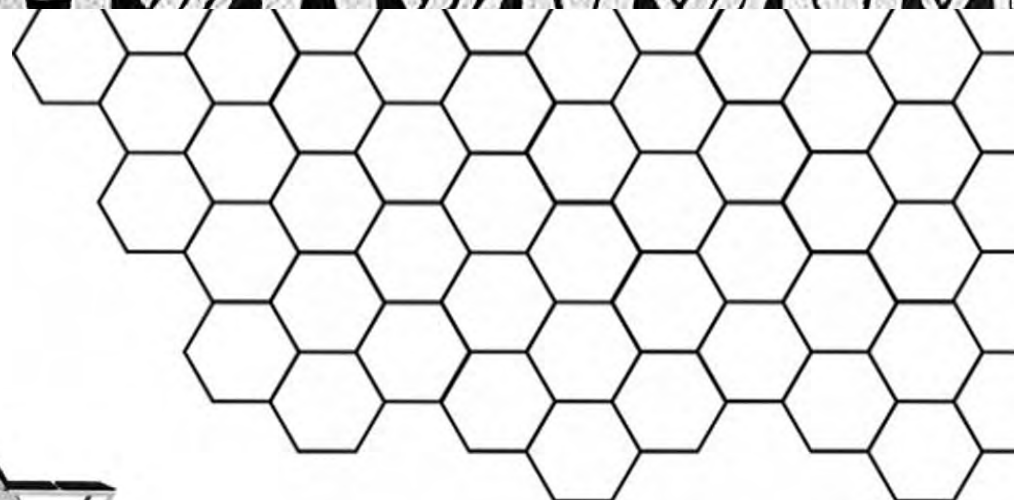
Quando em 1972, realizei no MAM do Rio de Janeiro, a obra-ambiente que denominei de CIRCUMAMBULATIO, me propus a trazer, através de imagens arquetípicas, alguma coisa ainda primordial da percepção do mundo.

Naquela época, encontrava-me envolvida de modo mais específico com o sentido espiritual da arte. Temos de relembrar o momento político da ditadura que se vivia. Momento de percepção e entendimento sobre a possibilidade de levar esse conhecimento para um coletivo, propondo, através do simbólico da arte, conduzir jovens artistas a uma outra reflexão sobre o nosso planeta, a outros modos de agir por meio da arte.

Rio de Janeiro, julho de 2016

Anna Bella Geiger. Pioneira na arte conceitual, introdutora da vídeoarte no Brasil, a artista carioca (1933) colaborou para que a discussão política fosse introduzida na arte brasileira sem prescindir, contudo, da intervenção artística. Utilizou xerox, fotografia, postais, impressos e vídeo, entre outros materiais e suportes. De suas muitas exposições destaque para a participação em diferentes edições da Bienal Internacional de São Paulo; individual no Museum of Modern Art, NY em 1978 e representação do Brasil na Bienal de Veneza de 1980.

Colmeia sensorial



O *Estúdio Mameluca* foi criado em 2011, pelo casal de designers **Alessandra Clark** e **Nuno Franco**, e seus objetos reúnem conceito e funcionalidade com referências artísticas e sociais. Em 2014, o estúdio buscou inspiração nas comunidades indígenas brasileiras com o objetivo de trazer a cultura visual dessas civilizações para o design contemporâneo nacional. “Nos propomos a criar um objeto partindo da forma triangular e sua multiplicação fechou-se em uma estrutura hexagonal, que batizamos de Eiretama”. O resultado, desse projeto, foi apresentando em 2016, na *Design VE Festival* durante a Bienal de Arquitetura em Veneza. Uma pesquisa que se desenvolveu a partir de um recorte visual de três etnias indígenas. A palavra Eiretama, de origem Tupi, significa colmeia e de forma literal nomeia a composição geométrica hexagonal criada pela Mameluca. “Partimos da referência bidimensional do desenho e as formas ‘pularam’ para o espaço e, tridimensionalmente, se transformaram tanto em padrões longitudinais como transversais.” afirma Alessandra. Com as Eiretamas a Mameluca produziu uma série de objetos com diversas funções tais como cadeiras, bancos, estantes, lixeiras, floreiras e mesas.



Instalação Eiretama na Design VE Festival

AMBIENTE, PATRIMÔNIO E TURISMO: HIATOS URBANOS

Elisabete Reis e William Bittar

Nas últimas décadas, a indústria do turismo vem adquirindo o status de transformação econômica e social. No entanto, nem sempre as consequências negativas advindas dos reordenamentos territoriais derivados do incremento turístico são plenamente avaliadas ou devidamente divulgadas gerando interpretações tendenciosas relacionadas ao patrimônio material e imaterial.

A região de Búzios é conhecida desde o início do século XVI, quando os primeiros colonizadores aqui chegaram e encontraram os índios tupinambás. Segundo a tradição local, a praia das Caravelas teria recebido esta denominação em homenagem ao desembarque de Américo Vespúcio, em 1503, naquelas areias.

Ao longo do século XVI, várias batalhas ocorreram entre portugueses e franceses, até que estes últimos fossem definitivamente expulsos. Com a derrota francesa e o extermínio dos tupinambás, os colonizadores estabeleceram diversas regulamentações para garantir o controle e a posse da terra, entre elas a proibição da pesca no litoral entre Campos e Maricá, e a da exploração e retirada do pau-brasil.

No século XVIII, a criação bovina foi introduzida na região, necessitando do aumento de mão de obra escrava africana. É desse período o desenvolvimento da pesca através de armadilhas (as armações) e, posteriormente, a captura de baleias.

Em 1743, quando um navio negreiro escapou de um naufrágio na região, Brás de Pina, responsável pela armação de baleias, erigiu uma capela em homenagem a Sant'Ana, em uma pequena colina entre as praias da Armação e dos Ossos.

As sucessivas leis que dificultaram e impediram o tráfico de escravos acabaram por provocar a estagnação da região que, após a abolição, passou a abrigar escravos libertos em uma povoação localizada na praia Rasa, reduto de um antigo quilombo. Provavelmente ali se retomou a atividade pesqueira e a consolidação da população caíçara.

Nas primeiras décadas do século XX, o plantio de bananas, promovido nos anos 1930, pelo alemão Eugène Honold, foi suficiente para fazer prosperar a antiga vila. Entretanto, foi só na década de 1960, principalmente, após a visita da atriz Brigitte Bardot, que a cidade alcançou sua visibilidade num cenário mais amplo. A temporada que Brigitte Bardot passou na região, em 1964, colocou Búzios no cenário do turismo internacional, hoje presente e dominante no balneário.

Mas o bucolismo que encantara Bardot foi substituído por uma desenfreada especulação imobiliária que alterou, de forma irreversível, o meio ambiente. A ampliação da rede hoteleira e a grande demanda por novas residências para temporada aconteceram de forma desproporcional ao oferecimento de uma infraestrutura capaz de atender ao saneamento básico, abastecimento de água e rede de transportes. Além disso, os novos turistas, em sua maioria absolutamente transitórios não possuíam um real sentimento de pertencimento.

Este turismo transitório passou a trazer um público dotado de uma inconsciente atitude predatória, imediatista, gerando um ciclo com a própria economia de alguns investidores locais: lucro imediato, prazer efêmero, desinteresse e descompromisso com o patrimônio material ou imaterial. Assim, para atender à demanda do mercado os antigos moradores dirigiram-se para a periferia da cidade, com condições urbanas ainda mais precárias.

Enquanto isso, algumas antigas praias, antigos redutos de pescadores, recebem um comércio de luxo ao longo de vias que tiram a própria vista do mar, situação que se repete em outras praias, fechadas, cujo acesso se faz por vielas entaladas por muros altos, cortando a silhueta das montanhas ou a linha do horizonte.

No contexto geral das sociedades, cada vez mais o tempo parece se acelerar e o espaço se comprimir. As sociedades contemporâneas parecem estar em permanente metamorfose. Em Búzios, não é diferente, a cidade incorpora os benefícios da vida contemporânea e se atualiza, enquanto seus espaços se comprimem reduzindo e empobrecendo a experiência dos sentidos e da memória afetiva dos seus moradores.

Compreendemos que as cidades são frutos de inter-relações humanas coletivas que, consciente ou inconscientemente, configuram diversidades tanto em termos de estruturas materiais quanto em termos de sociabilidades. A cidade de cada um de nós é co-extensiva a nossa maneira de ser/estar no mundo. Assim, a noção de patrimônio também é reformulada constantemente ao longo dos diferentes contextos históricos. Contudo, apesar das diferentes abordagens, atualmente parece haver um consenso na definição de patrimônio, que repousa em compreendê-lo como uma dimensão na qual se estabelece o diálogo, entre a sociedade atual e a do passado, em torno dos seus símbolos, dos seus valores e das suas representações reais e imaginárias.

Dessa forma, o patrimônio não é um objeto estático, imóvel ou imutável, e sim um teia de experiências, vivências e valores que precisam ter a sua dinâmica considerada e respeitada, para que possa sobreviver as múltiplas e diversas interferências trazidas pela modernidade e pelas demandas da vida, inclusive aquelas derivadas da prática turística. Contudo, não é essa a conduta habitual.

Apoiada na lógica contemporânea de consumo cultural, Búzios passou a ser concebida como uma imagem de marca ou grife de entretenimento, a ser consumida rapidamente. Tudo vira consumo! A competição, principalmente por turistas e investimentos vultuosos, é acirrada e os gestores urbanos se empenham para melhor vender a imagem de marca da cidade.

Num contexto mais abrangente, cada vez mais, esse processo vai alterando a maneira de pensar, planejar, gerir, representar e imaginar a cidade. Paradoxalmente, essa imagem de marca de uma cidade balneário distinta, com cultura distinta, se parece cada vez mais com outras cidades balneárias.

Essa contradição pode ser explicada: cada vez mais as cidades precisam seguir um modelo internacional extremamente homogeneizador, imposto pelos financiadores multinacionais dos grandes projetos urbanos. Este modelo visa basicamente o turista internacional (e não o habitante local) e exige um certo padrão mundial, um espaço urbano tipo, padronizado.

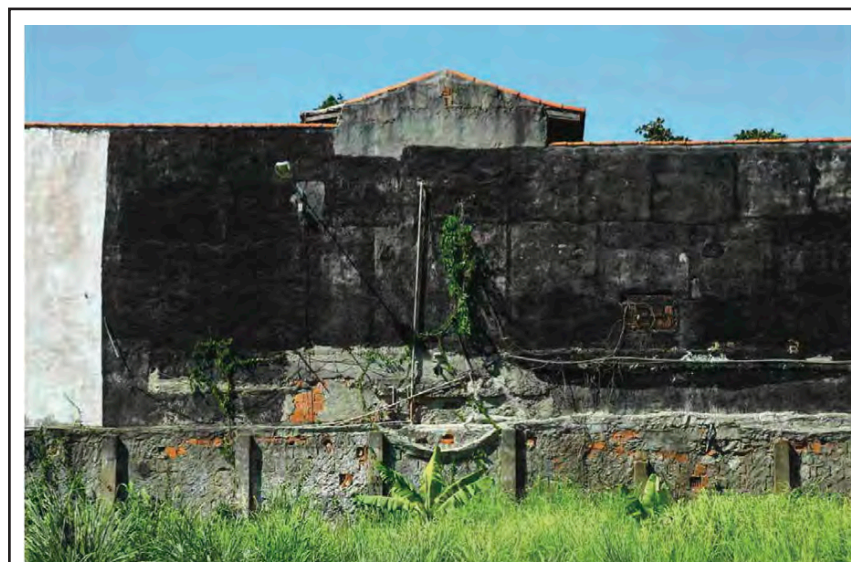
Paradoxos a parte, perguntamos: qual é a qualidade dos reordenamentos espaciais e de que maneira a valorização do patrimônio pode agregar benefícios reais para a manutenção dos moradores de Búzios? Como as políticas públicas e privadas envolvidas com as questões do patrimônio podem atuar nas decisões e reordenamentos sociais da identidade e como conciliar satisfatoriamente os vestígios da cultura local com as padronizações da cultura global?

Por certo, conciliar as memórias dos lugares com as perspectivas de qualidade nos reordenamentos dos sítios é um dos grandes desafios para os gestores dos espaços urbanos atuais. Talvez uma possibilidade promissora para a solução satisfatória da maioria das contradições urbanas seja a compreensão da cidade como uma espécie de interrogação e deciframento simultâneos.

A perspectiva da experiência no aprendizado da cidade, oferece caminhos de encontro e criação da vida, dos vestígios latentes e dos sonhos que pulsam continuamente em nós e em nossa sociedade. Cabe a experiência de colocarmo-nos no lugar do outro como possibilidade de desnaturalizar, através de um questionamento teórico-crítico, algumas noções e conceitos ligados tanto ao processo de patrimonialização quanto ao de estetização das cidades contemporâneas globalizadas, cada dia mais padronizadas e uniformizadas. Como um farol, o respeito é a chave.

Elisabete Reis é arquiteta e urbanista, Mestre em Ciências da Arquitetura pelo PROARQ UFRJ, Doutoranda pelo PPGAU UFF. Foi coordenadora de arquitetura do MAM RJ atuando principalmente no entrelaçamento entre as diversas coordenadorias artísticas. Possui produção na área de teoria da arquitetura e prática em arquitetura, design gráfico e artes visuais. É co-autora do livro *Moderno e Nacional*.

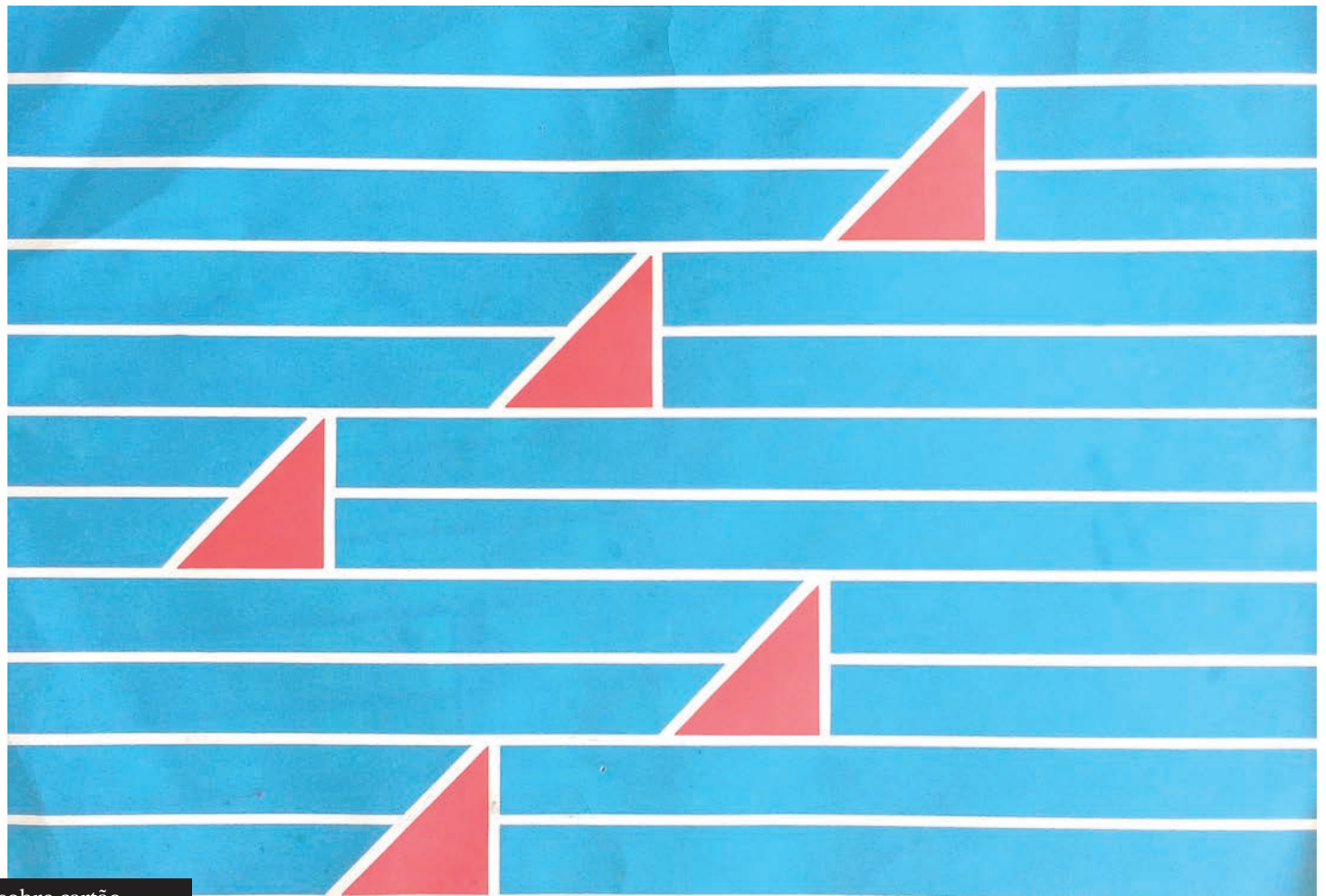
William Bittar é arquiteto e urbanista, Livre Docente em Arquitetura; professor da UFRJ e UNI-SUAM. Atua, principalmente, na área de Arquitetura do Brasil e Restauração do Patrimônio. É autor de diversos livros, dentre eles *500 Anos da Casa no Brasil*, *Vida Urbana - A evolução do cotidiano da cidade brasileira*, e *Arquitetura no Brasil - De Deodoro a Figueiredo*.



Cristián Silva-Avária, *Reverso Búzios*, Praia de Geribá, 2011



Interdição de Daniel Toledo na Orla Bardot, bab 2010



Regata 1986, serigrafia sobre cartão

Acesse: cingtouches/regata.com



/Paulo Roberto Leal

Agradecimentos:

Luisa Regina Pessoa, Sérgio Ruste, Ruth Penido, Alessandra Clark,
Luiz Freire, Claudio Segtowich

babEL Búzios Magazine
setembro 2016, no.0

Diretor e Editor de Arte

Armando Mattos

Conselho Consultivo

Anna Bella Geiger
Laura Lima
Mônica Villela
Clemente Neto

Diagramação

Caroline Moreira

Edição

GALERIE Armando Mattos

Impressão

A Tribuna Gráfica

Tiragem

2.000 exemplares



/Babel_magazine

Regata de Paulo Roberto Leal, Manguinhos 2016



Foto Luciano Bogado

A obra *Regata* do artista Paulo Roberto Leal (1946-1991) foi criada em 1985 e apresentada pela primeira vez na capital paulista em 1986 na Galeria Montessanti. Em meados de 2015, 30 anos depois, foi remontada e exposta na retrospectiva do artista, no Paço Imperial/MinC no Rio de Janeiro. Em 2016 foi apresentada numa pequena mostra em Búzios ao lado de estudos e desenhos da série inéditos. Atualmente, um acordo entre o *Projeto Concreto* e o *Museu de Arte do Rio*, efetivou a doação da obra para o acervo da instituição carioca, onde a peça pode ser vista na exposição *A cor do Brasil*.

A cor do Brasil

até 15 de janeiro de 2017

O Museu de Arte do Rio/MAR abriu ao público, no dia 02 de agosto, a mostra *A Cor do Brasil*. Com mais de 300 peças e curadoria assinada por **Paulo Herkenhoff** e **Marcelo Campos**, a exposição traça a trajetória da arte brasileira desde o período colonial até o século XXI, percurso formado por obras primas que vão de **Frans Post** à **Tarsila do Amaral**. A exposição está dividida em três módulos: “A transformação da luz e do ambiente ecológico em cor”, que é dedicada à visão sintética da paisagem, com retratos, paisagens e naturezas-mortas; “Modernidade e Autonomia da arte”, que trata da emancipação do regionalismo em prol da vontade de pintar, com núcleos dedicados a arte construtiva e informal e a última sala, “Cor do Século XX”, com foco nos movimentos ocorridos na cidade como as mostras *Opinião* e *Tropicália*, a *Sala Experimental* do MAM e *Geração 80*. Para retratar a extensão do tema da cor no Brasil, será feita ainda uma reunião das obras de professores da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, alcançando assim o século XXI. A exposição retoma ainda, as implicações e projetos políticos da cor na atualidade, indagando se existiria uma cor afro-brasileira na arte.



Fotos da série *Zig Zag* 3 e 4 na praia de Manguinhos, bab 2013

Marcos Bonisson trabalha, desde final dos anos 70, com fotografia e Super 8. Nos anos 80 fixou residência nos EUA e por dez anos trabalhou para *Agência Magnum*, em Nova York. De volta ao Brasil passou a expor em galerias e museus. Seus trabalhos estão em coleções privadas e institucionais com destaque para as coleções Gilberto Chateaubriand/MAM.RJ, Joaquim Paiva e *Foundation Cartier Pour L'art Contemporain*, Paris. Em 2006 participou da 27a. *Bienal Internacional de São Paulo*.



Food

not food,
de Kristina Lechner



Sandwiche ou papelão? Pipoca ou *post-its*? Queijo ou algodão? A série fotográfica 'Alimento não alimentar' de **Kristina Lechner** leva o espectador a questionar sua primeira impressão para lidar com as armadilhas da percepção. Apesar da declarada falta de habilidade culinária da artista, o projeto surge como um exercício criativo, uma maneira de contribuir para o desenvolvimento do *design* de alimentos. Nas imagens produzidas por Kristina, o jogo perceptivo apreende o espectador graças ao tratamento cuidadoso dado a todos os tipos de objetos domésticos e seus encontros casuais. Na verdade, as fotografias de Kristina Lechner conseguem provocar uma sensação de estranhamento que afeta nossa percepção imediata das imagens que, em sua "normalidade", estão a meio caminho entre a fotografia surrealista e a decepção sensorial.



A *Sardinha Junina* do Ópera Beach Fusin Food é feita a moda escabeche e servida com tomate seco, coulis de pimentões vermelhos assados, ervas e fatias de pão preto.



O *Feijão Tropeiro Vivo* do Chef Ricardo Ferreira é feito com feijão Azuki germinado, couve, cebola, tomate, pimentão e farinha de mandioca torrada. Uma sofisticação da gastronomia Vegana.



Pensamento e ação

Antônio Carlos Miguel



Performance sonora de Jarbas Lopes, Peu Melo e Alê Souto no interior da *Maloca de Seres*, de Bernardo Ramalho

Como num filme calidoscópico, imagens, sons e ações se alternam vertiginosamente na memória. Sensações emblemáticas e instigantes que continuam vivas. Sejam performances, intervenções na paisagem e na arquitetura, objetos, esculturas, street art, happenings, pirotecnias, vídeos e demais e quaisquer manifestações no infinito leque da arte contemporânea convivendo com Búzios e sua heterogênea e flutuante gente. Nativos – que, muitas vezes, formam o público mais impactado pelas obras e pelos artistas –, frequentadores habituais do balneário, turistas eventuais, estudantes, aposentados, desocupados, artistas.

O período documentado por essa revista* – que cobre da estreia, em 2007, à edição de 2011 –, a Bienal Anual de Búzios

não só respondeu, conceitual e ideologicamente, ao proclamado “vazio” que pautou a polêmica (e... esvaziada) 28ª Bienal de São Paulo, como praticou seu discurso através das múltiplas formas de expressão utilizadas pelo diversificado elenco agregado pelo curador (e também artista plástico) Armando Mattos.

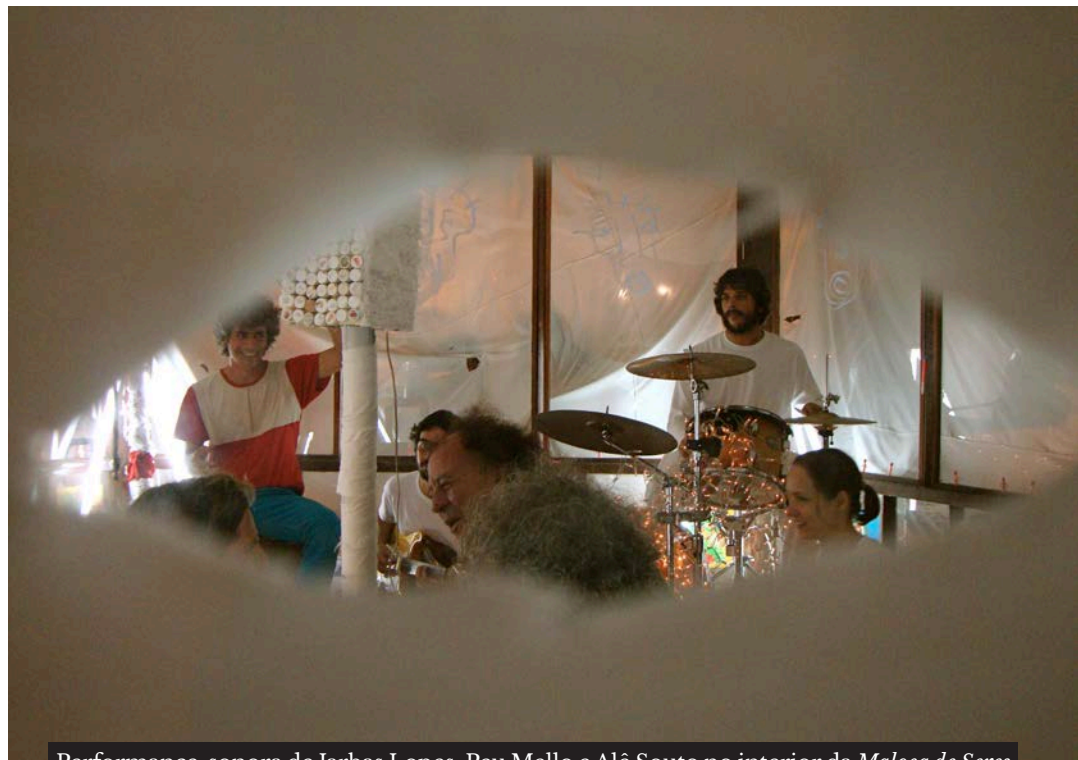
Uma lista em torno de 70 nomes que alterna consagrados, emergentes, novos, revelações, brasileiros, estrangeiros, individuais e coletivos, incluindo, entre outros, Anna Bella Geiger, Adriano de Aquino, Artur Barrio, Rogério Reis, Ivald Granato, Marcos Bonisson, Gilvan Nunes, Brigida Baltar, Enrica Bernardelli, Ernesto Neto, Mauricio Ruiz, Paulo Roberto Leal, Katerina Dimitrova, Bernardo Ramalho, Celina Portella, Franklin Cassaro, Laura Lima, Opavivará, Alê Souto, Antonio Bokel, Filé de Peixe, Ronald Duar-

te, Claudia Herzs, Cristián Silva-Avária, Siri, Lin Lima...

Mas a ideia aqui não é comentar as obras e os artistas – apresentados em ordem cronológica nesse catálogo-documentário. Afinal, independentemente do interesse maior ou menor de cada trabalho, de seus conceitos e valores intrínsecos, o principal trunfo de cada edição está no que a bab consegue provocar, desencadear. Poderes transformadores e questionadores.

Influindo nisso há também o elemento surpresa, tanto para os artistas, expostos fora de seus ateliês-galerias-instituições, quanto para o público, parte dele involuntário, alguma parte virgem de arte, seja contemporânea ou clássica. Dessa forma, sem a imposição, a autoridade da instituição escolar (mas, num segundo e importante momento, também aliado à ela no que tem de mais vital) a bab tem um forte componente educativo, abrindo cabeças e horizontes, no caminho de uma cidadania plena.

É o que se viu nesses cinco anos pautados pela informalidade e pelo acaso, inventando formatos e soluções a cada versão. Arte que se descobre no fazer e também se revela a novos olhares e sensações.



Performance sonora de Jarbas Lopes, Peu Mello e Alê Souto no interior da *Maloca de Seres*

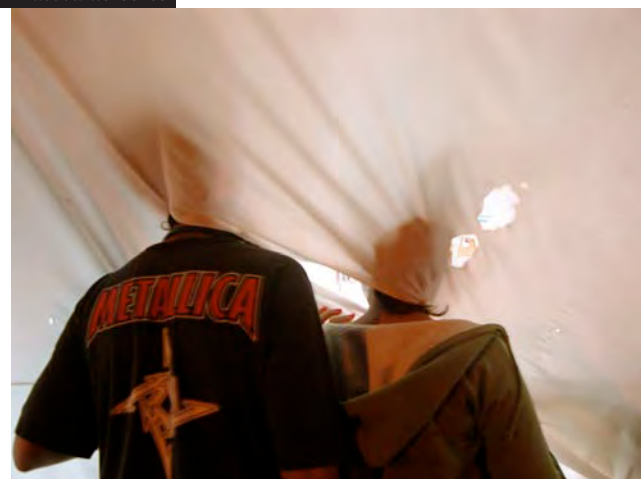


Público interagindo com *Maloca de Seres*

De volta ao turbilhão do filme-calidoscópio-memorialista, é possível resumir algo dessa conversa numa de suas sequências. Fim de noite, início de madrugada, uma performance jam ocupa uma tenda instalada numa praça central de Búzios. Sons, improvisos, luzes, sombras, sensações compartilhados por todos, do coletivo de artistas em ação ao respeitável e desconhecido público.

**Esse texto ainda inédito foi escrito pelo autor, em 2011 para compor o catálogo resenée (2007/2011) da bab bienal.*

Antônio Carlos Miguel é crítico musical, escritor, jornalista e poeta com poemas publicados sob o pseudônimo de Antonio Caos. Foi co-editor da Revista Música do Planeta Terra que reunia nomes como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Rita Lee e Waly Salomão. Foi editor-assistente do Segundo Caderno do jornal O Globo e colaborou com as revistas Showbizz, Bravo, Jornal da Tarde, Manchete, Elle e International Magazine.



Lenny Niemeyer

Olímpica

Armando Mattos - Como você reagiu ao convite para criar os uniformes da equipe brasileira nas Olimpíadas? Qual foi a sua inspiração?

Lenny Niemeyer - Participar e ganhar foi bem emocionante porque um evento mundial com 5 bilhões de espectadores do mundo inteiro e sediado no Brasil foi o momento mais importante da minha vida profissional. E isso por si só já foi inspirador, mas havia uma orientação para que a coleção fosse uma coisa bem brasileira e fiz os croquis querendo que o público identificasse que era o Brasil quando os atletas entrassem no Maracanã, que eles fossem identificados sem precisar ler que era o Brasil. Então tomei como referência as cores da bandeira e fiz uma estampa super tropical misturando as estrelíças e as folhas de bananeira que se camuflam um pouco com as cores das araras azuis e do papagaio.

AM - Foi um desafio trabalhar com essa paleta de cores?

LN - Quando usamos o amarelo, o verde e o azul as pessoas falam que “está muito bandeira do Brasil” e que “as pessoas não vão usar”. Mas a intenção era mesmo que ficasse “bandeira do Brasil” e gostei tanto do resultado que adoraria usar essa estampa na minha coleção mas ela agora se tornou exclusiva do evento.

AM - Qual o maior desafio para produzir essa coleção?

LN - O maior desafio foi fazer uma coleção para uma passarela de 1600 atletas que seriam vistos de cima, no Maracanã. Um desafio completamente diferente daquele feito para uma plateia de mil pessoas ou para um desfile da minha coleção. Tive então que imaginar um conjunto com esse colorido tão alegre numa solenidade internacional, onde os atletas precisam estar mais clássicos. E de imediato, pensei num blazer, com tecido mais leve, que tivesse movimento, que não fosse estampado e com um corte atemporal. Porque pra mim essa coleção é para ser vista daqui a vinte, trinta anos e se manter contemporânea.

AM - Você tem mais intimidade com a linha beach wear, como você lidou com a alfaitaria?

LN - Como eu não ia executar o projeto, fiz os croquis, chamei um alfaiate e fui buscando o corte. Há dois anos atrás eu já tinha pesquisado e utilizado a alfaiataria na minha coleção de botânica, então pensei num blazer que tivesse um pouco de cintura, mas que não fosse cinturado demais e nem reto demais. Um blazer que fosse confortável e bem despojado e que pudesse ser usado num pós praia. Então escolhi uma sarja de algodão com um pouco de elástico, 100% nacional.

AM - E os acessórios, cintos, gravatas, sapatos e chapéus foram criados por você?

LN - Desenhei os echarpes, chapéus e sapatos e acompanhei a montagem das peças piloto, mas tudo foi executado pela C&A. Porque seria uma loucura executar uma coleção para pessoas com alturas que variam de um metro e vinte à dois metros e vinte. Por isso também pensei em incluir o blazer, uma peça que fica bem em qualquer pessoa, alta ou baixa, diferente do echarpe ou do chapéu, que nem todas as pessoas ficam bem. Com essas opções pude fazer diversas combinações entre as peças e vestir uma menina de um metro e vinte, que não ficaria bem de chapéu ou com um lenço enrolado e vestir outra, mais alta, para que todas ficassem lindas. Porque, claro, não poderia vestir os 1600 atletas ainda que, sinceramente, quisesse muito.

“A gente está num momento de crise no Brasil, de Zika, de tudo mais, e isso é resultado de coisas que não foram feitas há muito tempo.”

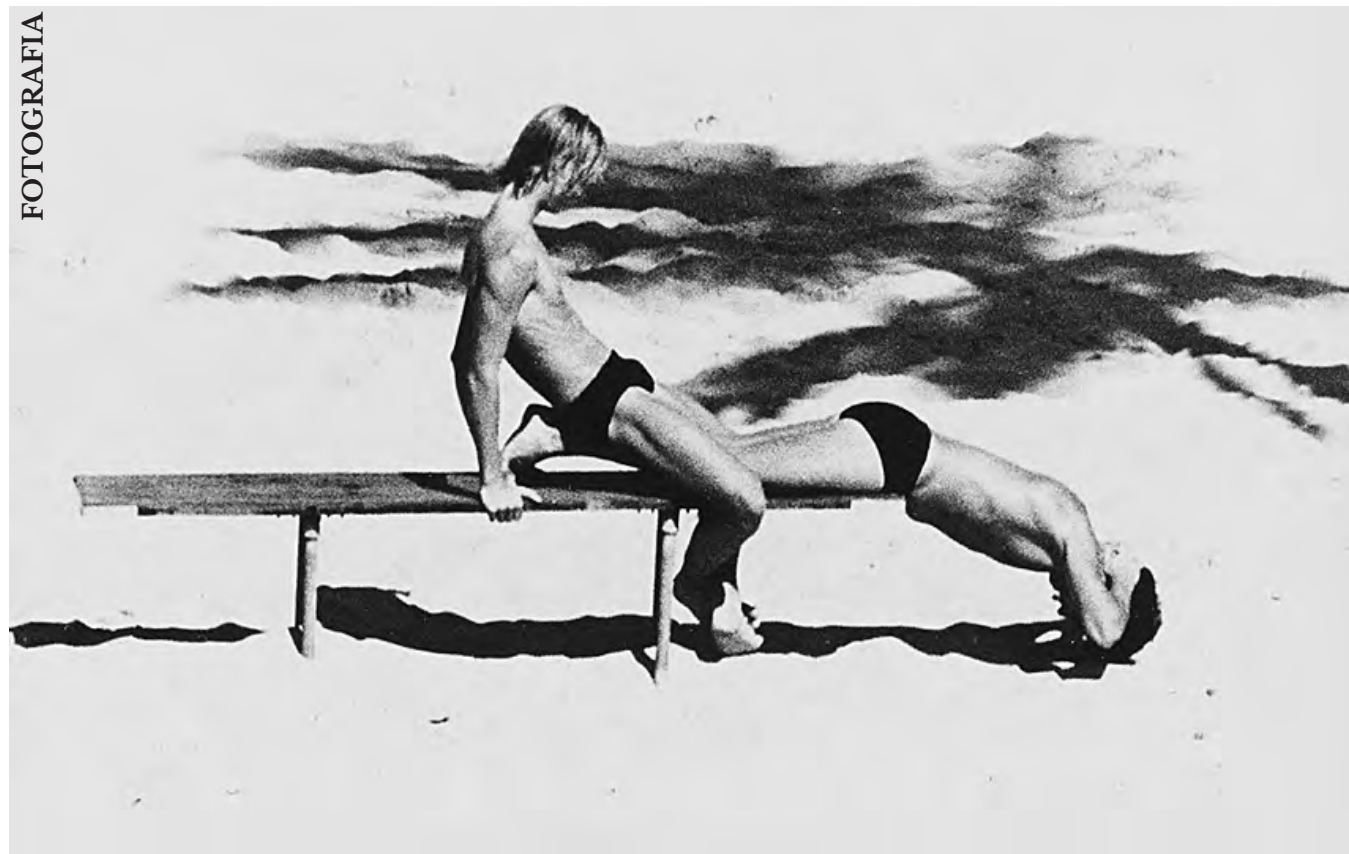


AM - Então o ideal para você seria estar ali dando o toque final ajustando cada situação?

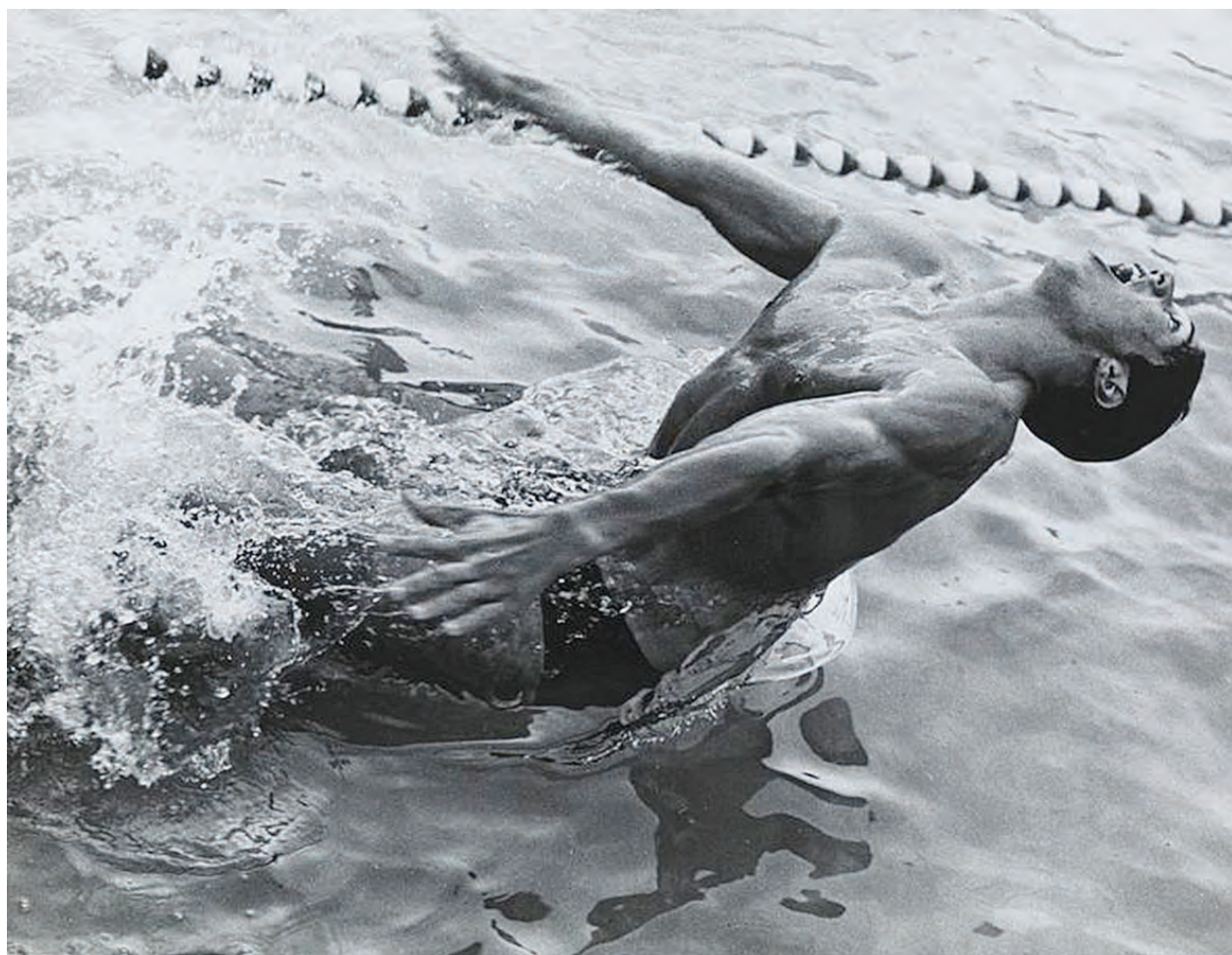
LN - Sim, eu adoraria customizar cada atleta porque existe uma versatilidade da roupa nessa coleção que foi feita para atender a todos os tipos físicos.

AM - Você está esfuziante e feliz com esse projeto?

LN - Estou, porque apesar do momento pelo qual está passando o país, com a Zika e aquilo tudo que a gente já sabe, meu pensamento foi positivo. Porque ficar só olhando para as coisas ruins que acontecem no Brasil, não dá! Porque, vamos combinar: se você vai receber uma visita em sua casa, você tem que preparar a casa, deixa tudo arrumadinho, tudo bacana. E isso você não consegue fazer na véspera, antes dos convidados chegarem, né?! E no Brasil é mais ou menos assim. A gente está num momento de crise no Brasil e isso é resultado de coisas que não foram feitas há muito tempo. Então tenho que pensar positivo e acreditar que não adianta ser mais uma brasileira desiludida. É melhor pensar que daqui pra frente vamos ter que cobrar mais. Porque, para dizer a verdade, eu já não sei mais o que eu posso fazer e o que é a minha parte, a minha contribuição para melhorar a situação do Brasil. A verdade é que tudo está no limite! Pagamos uma fortuna de impostos e as pessoas ficam meses na fila de espera dos hospitais e acabam morrendo por falta de atendimento. É duro ver uma coisa dessas acontecendo e a gente assistindo a isso sem poder fazer nada. Não temos o básico e tudo custa caro! Bem aqui, o papo virou político, e isso é muito blá-blá-blá porque, a verdade é que, ninguém faz nada!



O corpo masculino jovem e belo pautou toda a obra fotográfica do artista carioca *Alair Gomes* [1921-1992], realizada ao longo de 20 anos de carreira. Seu olhar, de viés homoerótico, tornou-se complexo e original ao longo de sua produção. Estudioso da história da arte, da física e da filosofia, suas pesquisas o levaram a encontrar caminhos fecundos para inserir a fotografia dentro do campo da arte contemporânea, com destaque para as sequências de imagens que ele elaborou inspirado em sinfonias e sonatinas e em altares religiosos, como nas composição em trípticos. Alair é um autor seminal para a fotografia contemporânea.



ELKE



No acervo do fotógrafo *David Zingg*, sob a guarda do Instituto Moreira Salles, Elke Maravilha brilha intensamente entre estrelas como Leila Diniz, Caetano Veloso, Nara Leão, Tom Jobim. Como quase todo mundo que posou para David, Elke virou 'amiga de infância' do fotógrafo. Em 2013, Elke declarou em entrevista a revista *Serafina*: "David enxergava a alma da gente, ele tinha um humor divino. Ficávamos dias em Búzios enchendo a cara e rindo juntos."



MARAVILHA!



Fotos Acervo Instituto Moreira Salles/IMS

POR AÍ...

Cristina Brasil

Pedalando por aí, de repente me deparei com uma Búzios que eu não conhecia. Não pelo fato de agora ser uma cidadã buziana, mas muito mais por ter tido o privilégio de viver a Búzios dos anos 80, e agora sentir na pele a diferença.

Na bela época, só para começar, a falta de educação e mau gosto absolutos, ainda não tropeçavam sobre a irregularidade da Rua das Pedras: a main street da cidade, para quem não conhece. Mas descontando os desencantos, morar aqui é no mínimo divertido!

É o outro lado da moeda! Totalmente diferente daquele lado que dura somente um fim de semana, um feriado, umas férias. Búzios tem pretensão de cidade grande e preocupa. Na pequena roça de 35 mil habitantes é pedalando que se nota o quanto não fizeram, estes anos todos, pela pequena Armação. Por poucos dias a cidade é capaz de enfeitiçar o habitante flutuante, que vem e vai sobre as pedras do caminho de quem vive por aqui.

Há exatos nove meses comprei uma bicicleta na ilusão de que teria Búzios sob minhas rodas. Mas a única avenida que corta a cidade, de ponta a ponta, é um verdadeiro desastre. Muito embora de nome pomposo, a avenida não sei das quantas, Dantas

é o retrato da desventura, do descaso, do absurdo. Ali ninguém anda. Não andam pedestres, bicicletas, carrinhos de bebê, cadeirantes ou qualquer meio de transporte que não seja guiado por mau educados como vans, carros, ônibus, caminhões, motos e Bugres. Todos absolutamente sem noção, que numa disputa imbecil e violenta atiram seus carros sobre você na tentativa de te desestabilizar e quem sabe te ver cair no chão. Como não pretendo morrer feito um tapete evito pedalar por aí...

Mas aí me pergunto: onde e o que fazem os responsáveis pela organização da península? Certamente jogando no ar o carbônico que jorra de seus carrões, enquanto a população disputa espaço sobre as calçadas de meio metro de largura e cobertas de buracos.

Sofro de vergonha alheia. E minha vergonha ainda é maior quando realizo que toda essa ignorância se debruça, sem escrúpulos, numa terra deslumbrante de águas cintilantes e sóis inesquecíveis. Búzios merecia que, do NADA, surgisse alguém que de fato se preocupasse com sua saúde. Assim como todo o Estado, Búzios agoniza. Terei eu voltado para vê-la morrer? Espero que não! Espero ainda que um milagre aconteça e que a pequena cidade possa ver o amanhecer belo e dourado como bem merece a sua natureza privilegiada e abençoada por Deus.

Cristina Brasil. Ex modelo fez parte da vanguarda da moda no Brasil. No início dos anos 80 foi uma das primeiras modelos brasileiras a desfilar no exterior para as grifes Saint Laurant, Chanel e Paco Rabanne. Formada em Letras atua como decoradora e foi, ao lado de Chris Nicklas, apresentadora do programa +D. Pioneira na reciclagem em decoração atuou por três anos como apresentadora e produtora do programa Decora Brasil no canal GNT.





Quando o *Profeta Gentileza* foi internado na Casa Dr. Eiras, o médico entregou à família um atestado de sanidade mental alegando que o paciente não era doido mas, 'diferente e sábio'. A mãe da jovem *Panmela Castro* também procurou ajuda médica para entender o comportamento atípico da filha e a resposta, dada a ela, não foi muito diferente: "a menina é uma artista." Mas a conexão entre *Gentileza* e *Panmela* não se dá apenas pelo lado artístico mas, também, por suas buscas e embates com o mundo. Enquanto *Gentileza* trata da violência do capitalismo perverso, *Panmela* trata da violência histórica imposta às mulheres. Nas ruas *Gentileza* utiliza as cores branca, verde e amarelo e *Panmela*, o vermelho vivo. Na série *body cutting*, da artista e grafiteira, o vermelho brota dos cortes em seu próprio corpo, tingindo as palavras, para tratar de questões de gênero e sexualidade. Aqui a força messiânica de *Gentileza* é substituída pelos ideais do Feminismo com sonoridade e força pessoais.

Armando Mattos
Anna Bella Geiger
Mônica Villela
Lenny Niemeyer
Cristina Brasil
Elisabete Reis
William Bittar
Marcos Bonisson
Antônio Carlos Miguel
Pamela Castro
Bernardo Ramalho
Luciano Bogado
Mameluca
Daniel Toledo
Paulo Roberto Leal
Peu Mello
Cristián Silva-Avária

